



PAULO LIMA

Alice Vieira
 escritora

Olho para o meu bilhete e lá vem, bem explícito, ‘lugar n.º 3’, mas logo uma voz me avisa para que não esteja com preocupações, ali não há lugares marcados, quem chega primeiro escolhe, é mesmo assim. Olho mais uma vez para o bilhete, comprado na véspera para assegurar lugar à frente, apesar das maravilhas das auto-estradas e dos IP’s tenho medo de enjoar, ainda me lembro do tormento que eram as curvas do Marão, com o estômago a sair-me pela boca fora.

“Mas aqui no meu bilhete diz lugar n.º 3”, murmuro, e logo a voz continua a assegurar que não faça caso, aquilo não é para respeitar.

“Aqui é assim”, remata, com ar de quero, posso e mando.

Os meus olhos, ainda cegos da claridade exterior, começam a habituar-se à penumbra da camioneta e é então que reparo que a voz pertence a um corpo que ocupa, vantajadamente, o lugar n.º 3. De resto, os lugares da frente já estão todos ocupados, resta-me escolher algum lá para trás e rezar a todos os meus santos para que a torrada e a bica do pequeno-almoço não me causem problemas. Ainda pensei em plantar-me na coxia, bem diante do ‘usurpador’ do

O lugar certo

Há quem entre na camioneta e se sente onde muito bem lhe apetece. Mas o que é que se faz quando alguém reclama o seu legítimo lugar? Como é que se resolve a dança das cadeiras?

n.º 3, e ficar ali a olhar para ele, até que ele se levantasse e fosse à procura do lugar que lhe competia.

Mas acabei por me sentar num lugar ao lado da janela (ao menos isso), não valia a pena aborrecer-me por coisa tão pouca, embora ficasse a resmungar, para que raio tinha ido na véspera, se chegasse em cima da hora o resultado teria sido o mesmo.

Foi então que a velhota entrou.

Pequenina, lenço preto amarrado aos queixos, sacos de plástico a nascerem de todos os dedos das mãos. Larga os sacos na coxia, mira e remira o bilhete.

“Lugar 5”, diz em voz alta olhando para o passageiro que aí está sentado – e que não faz tenção de sair de lá.

“Lugar 5”, repete. E volta a repetir.

“O senhor tem de sair, que esse lugar é meu”, explica, possivelmente com medo que ele não estivesse a entender a sua insistência. O homem diz-lhe que ali não há lugares marcados, logo secundado pela voz que há pouco me dissera o mesmo, ambos a garantirem, em tom autoritário, que os lugares eram de quem chegava primeiro, e ter ou não ter número no bilhete era igual ao litro.

“O meu bilhete diz lugar n.º 5, é no lugar n.º 5 que eu vou.”

A velhota é do estilo de antes quebrar que torcer, por mais vozes autoritárias que se ergam a defender o conceito de que ali é tudo ao molho e fê em Deus.

“O meu lugar é o n.º 5”, repete, até todos – incluindo as vozes autoritárias – perceberem que não vai arredar pé, e que é melhor cada um regressar ao lugar que cada bilhete indica, senão a camioneta nunca mais arranca.

Começa então uma verdadeira dança de lugares, porque ninguém está no lugar indicado nos respectivos bilhetes, e o lugar 5 está ocupado pelo que deveria estar no lugar 8 mas não está, porque o lugar 8 já estava ocupado pelo que deveria estar no lugar 16 que, por sua vez, ocupa repimpadamente o lugar 31, cujo passageiro legal, por sua vez, foi expatriado para o lugar 17.

Ao fim de longos minutos de danças e contradanças todos voltaram aos lugares que os bilhetes indicavam, e a camioneta pôde seguir.

“Este mundo seria bem melhor se cada um soubesse sempre qual é o seu lugar”, murmurou filosoficamente o condutor. “Nem mais”, respondeu a velhota, preparando-se para dormir, com a consciência tranquila de ter cumprido o seu dever. A

“O senhor tem de sair, que esse lugar é meu”, explica, possivelmente com medo que ele não estivesse a entender a sua insistência. ”